

CHARLES BAUDELAIRE: ESBOÇOS PARA UMA POÉTICA DA TRADUÇÃO

Gleiton Lentz
Universidade Federal de Santa Catarina
dakria@gmail.com

RESUMO

O projeto de tradução das obras de Edgar Allan Poe ao francês empreendido por Baudelaire figura como um dos mais famosos e sucedidos êxitos literários de divulgação da obra de um escritor, em língua de chegada. Por essa razão, parece pertencer mais a uma história da tradução, do que propriamente àquela literária, da qual faz parte. O processo de tradução das obras do escritor norte-americano, do primeiro contato às últimas traduções, é evidenciado por Baudelaire tanto em seu epistolário quanto em seus ensaios estéticos. A partir da noção de “crítica poética” desenvolvida pelo poeta francês, este artigo procura levantar esboços de uma poética da tradução presente na obra de Baudelaire, e cujas noções podem ser levadas ao campo da crítica da tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução poética. Teoria da tradução. Baudelaire.

ABSTRACT

Baudelaire's translation project figures as a conspicuous literary success, disclosing the works of Edgar Allan Poe in the target language, i.e french. This project seems, therefore, to be more akin to translation history, than to literature history, of which it is already a chapter. Baudelaire conveys the whole translation process of the North American writer's works, from its very beginnings to the last translations, in his epistolary as well as in his aesthetic essays. Based on the concepts developed by the french poet, this paper sketches translation poetics in Baudelaire's work, bringing forth translation critics from "poetic critics".

KEYWORDS: Translation theory. Translation project. Berman.

“J’ai trouvé un auteur américain qui a excité en moi une incroyable sympathie”¹, escreve Baudelaire em 1846, em carta endereçada à sua mãe, logo após seus primeiros contatos com a obra de um escritor ainda desconhecido à época, chamado Edgar Allan Poe. Implicitamente, é Baudelaire-tradutor quem fala no breve comentário, expressando seu entusiasmo por ter encontrado, de um lado, tão singular autor, e do outro, tão singular obra. Segundo o poeta das *flores do mal*, o encontro com a obra de Poe ao início se limitava à leitura de “quelques fragments”, que sempre lhe suscitavam “une commotion singulière”. De fato, entre os anos de 1849 a 1857, Baudelaire, após três anos de incessantes leituras e estudo das obras de Poe, levou a cabo a famosa série de traduções que tornaram o então desconhecido escritor norte-

americano em um conhecido ilustre. E o detalhe dessa relação talvez resida no fato que é pela pena de Baudelaire-tradutor, e não de Baudelaire-poeta, que os escritos de Poe saem do anonimato literário nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, é através da tradução empreendida pelo poeta francês que nasce e se desenvolve sua identificação com o poeta de “O Corvo”.

A relação entre o imaginário poético de Poe e Baudelaire sempre foi alvo de inúmeras discussões. A de maior relevância é sem dúvida a crítica de Edmund Wilson, cuja obra *O castelo de Axel* (1931) reacendeu as discussões em torno da estética simbolista que até então era considerada “excrecência exótica nas letras”ⁱⁱ pela crítica “oficial”. Wilson liga a origem do simbolismo francês ao poeta norte-americano, e aponta uma espécie de “possessão” (no melhor sentido da palavra), da parte de Baudelaire, do imaginário poético de Poe; imaginário que, décadas depois, seria a base sobre a qual, esteticamente, se fundamentariam correntes literárias como o Decadentismo e o Simbolismoⁱⁱⁱ. De fato, a renovação de valores poéticos iniciada pelo poeta das *flores do mal*, pode ser antecipada em virtude do exemplo e da influência da obra de Poe, mas também por este ter influído na evolução e nas articulações estéticas que ainda se desenvolviam na mente do jovem poeta francês. Cumpre notar que o resultado dessa renovação estética e literária se inicia, em linhas gerais, através da tradução.

No contexto literário, o projeto de tradução das obras de Edgar Allan Poe ao francês por Baudelaire talvez figure como um dos mais famosos e sucedidos êxitos literários de divulgação da obra de um escritor, em língua de chegada. Por essa razão, parece pertencer mais a uma história da tradução, do que propriamente àquela literária, da qual faz parte. O processo de tradução das obras de Poe, desde o primeiro contato até as últimas traduções, é evidenciado por Baudelaire tanto em seu epistolário quanto em seus ensaios estéticos. Desde um primeiro momento, o poeta sublinha que o contato com a vida de Poe, “ses moeurs, ses manières, son être physique, tout ce qui constitue l'ensemble de son personnage”, lhe surgiu como algo “ténébreux et de brillant à la fois”, e que a figura “singulière” e “séduisante” do escritor reflete o mesmo que suas obras, marcadas estas “d'un indéfinissable cachet de mélancolie”^{iv}.

A partir daí, Baudelaire começa a desenvolver uma série de comentários críticos acerca das obras do escritor, deixando entrever o que Berman chamaria de “posição tradutiva”, já que a “tomada de consciência” do Baudelaire tradutor, quanto ao ímpeto de traduzir Poe, explica-se pelo projeto de tradução, pela opção de traduzir a obra de um autor específico, e por ter esboçado, através de ensaios e notas, critérios pessoais subjacentes ao processo tradutório, demonstrando o modo como internalizou o discurso acerca do traduzir^v.

A dimensão da empreitada e as dificuldades de se traduzir um autor como Poe, pode ser resumida nestas linhas do próprio Baudelaire acerca do estilo do autor, cujo *verbo* era capaz de fundir “les rapports intimes et secrets des choses, les correspondances et les analogies”^{vi}, tarefa nada fácil:

Edgar Poe n'est pas spécialement un poète et un romancier: il est poète, romancier et philosophe. Il porte le double caractère de l'illuminé et du savant. Qu'il ait fait quelques oeuvres mauvaises et hâtives, cela n'a rien d'étonnant, et sa terrible vie l'explique; mais ce qui fera son éternel éloge, c'est la préoccupation de tous les sujets réellement importants, et *seuls* dignes de l'attention d'un homme *spirituel*: probabilités, maladie de l'esprit, sciences conjecturales, espérances et calculs sur la vie ultérieure, analyse des excentriques et des parias de la vie sublunaire, bouffonneries directement symboliques. Ajoutez, à cette ambition éternelle et active de sa pensée, une rare érudition, une impartialité *étonnante et antithétique* relativement à sa nature *subjective*, une puissance extraordinaire de déduction et d'analyse [...]. C'est l'idée opiniâtre d'utilité [...] qui distingue M. Poe de tous les romantiques du continent, ou si vous l'aimez mieux, de tous les sectaires de l'école dite romantique.^{vii}

No epistolário, o poeta revela também, em algumas passagens, os impulsos e as dificuldades que se opuseram ao envolvente trabalho de tradução que lhe tomou quase uma década, não obstante as muitas “passages littéralemente intraduisables”, ou então as muitas “lacunes”, às quais o poeta se deparava e que a obra “magnétique” e “singulière” de Poe, no conjunto, lhe apresentava.

Antes, durante e após a tradução da obra de Poe, e independentemente do encontro com os escritos teóricos do escritor norte-americano^{viii}, Baudelaire desenvolveu um “méthode de critique” cujas formulações se apóiam, substancialmente, na idéia da poesia que deve fazer (e ser) crítica de si mesma^{ix}. Em linhas gerais, argumenta que a poesia é induzida a fazer crítica de si mesma e a refletir acerca de suas próprias modalidades, isto é, “la propria natura, la propria “legittimità”, non più in nome di un Assoluto che l’ha eletta ed innalzata a propria suprema e sublime epifania verbale, ma al contrario, [...] in relazione ad un contesto sociale che l’ha messa ai margini, l’ha dichiarata inutile, l’ha privata di ogni giustificazione”^x. No *Salon de 1846* escreve: “la meilleure critique est celle qui est amusante et poétique, e non froide et algébrique, che sous prétexte de tout expliquer, n'a ni haine ni amour, et se dépouille volontairement de toute espèce de tempérament”. Para o poeta, a crítica deve desenvolver sua tarefa com paixão, porque “la passion rapproche les tempéraments analogues, et soulève la raison à des hauteurs nouvelles”^{xi}, estimulando-a assim a abrir o intelecto em direção ao “novo”.

A passagem apenas citada refere-se a uma crítica que deve fazer convergir sua atenção em direção a uma “rationalité esthétique” sempre intrínseca à obra. Em outras palavras, que deve ser aberta, apaixonada, problemática, e não resultar em uma gélida operação fundada sobre rígidos sistemas normativos que visam regulamentar a poesia. Nesse ponto, evidencia-se um problema teórico, sobretudo de ordem estética, entre Baudelaire (e os simbolistas em geral) e a teoria literária posterior, como, por exemplo, a dos formalistas russos (Todorov e Jirmúnski), que asseguram que o material da poesia não são as imagens nem a emoção que delas podem surgir, mas somente seus componentes concretos, ou seja, sua estrutura funcional^{xii}. No último século, T.S.Eliot, ao contrário de Baudelaire que argumentava que o juízo crítico deve ser autônomo do juízo moral, sublinha que não é possível “escludere totalmente il giudizio morale, religioso e sociale” do ato crítico^{xiii}, e que “una critica letteraria non può avere emozioni ad eccezione di quelle immediatamente provocate dall’opera d’arte - e queste [...], quando siano valide, forse non saranno chiamate per nulla emozioni”^{xiv}. Argumento, portanto, inteiramente incompatível com a idéia baudelaireana da crítica que deve ser aberta e apaixonada. Logo, conclui-se que, para Baudelaire, mesmo o conceito de poeta parece sugerir que na figura do “poeta” é possível entrever também a do crítico, desde que sua crítica seja “poética”.

Delinea-se aqui uma idéia de analogia entre o ato poético e o ato crítico, ou seja, o poeta, artífice do verbo, faz “refletir” a realidade na sua obra, e mediante um movimento análogo, o crítico revive-a e recria, em uma espécie de *mimesis*, o objeto da sua operação hermenêutica. Para Baudelaire, e depois em Mallarmé^{xv}, poetas que consolidaram as intuições de transcendência do verbo de todo o imaginário simbolista, é dever da crítica poética deixar visível a atmosfera “subjetiva” de uma composição poética mediante a configuração, em seguida, de uma atmosfera “objetiva”, que é a análise crítica propriamente^{xvi}.

Tal visão produz uma revolução total na poesia, tanto no modo de compô-la como de fazer “critique poétique”. E essa relação pode ser entendida também dentro da crítica e das noções de tradução de Baudelaire-tradutor, e levada, em última instância, ao campo da crítica da tradução.

Se no pensamento de Baudelaire-crítico é possível delinear uma idéia de analogia entre o ato poético e o ato crítico, de tal modo é possível delinear, na mesma linha de raciocínio, uma idéia de analogia entre o ato poético e o ato tradutório, entre a “ausência” de uma crítica da tradução por uma crítica da tradução “presente”, “amusante et poétique, e non froide et algébrique”, que convirja sua atenção a uma “rationalité esthétique” sempre intrínseca à obra a ser traduzida. Em um sentido análogo à referência anterior, enquanto o poeta, artífice do

verbo, reflete a realidade na sua obra, o tradutor, mediante um movimento correspondente, revive-a e recria, na tradução, o objeto da sua operação hermenêutica. E, ao esboçar comentários e analisar procedimentos subjacentes ao processo tradutório, mesmo implicitamente, sua tradução se torna crítica.

Sobre a relação das noções baudelairianas de crítica poética e de tradução, que no pensamento do poeta parece representar um ato “crítico” por natureza e de reflexivo labor, Matteo Veronesi é elucidativo:

La traduzione – specialmente se, come appunto quella baudelairiana, amorevole ed appassionata ma, nel contempo, laboriosa e meditata – appare come un atto intrinsecamente ed essenzialmente “critico”, in quanto consapevole, assidua e dinamica operazione che nasce e si sviluppa da e attraverso una forma di riflessione e di azione sulle lingue e sul linguaggio. È proprio attraverso la traduzione che trova la più compiuta espressione quella “sympathie” [...] che si può forse intendere in senso pregnante, etimologico, come *sympatheia* che unisce soggetto ed oggetto in una fusione intima e totalizzante: quella stessa “sympathie”, “si vive, si pénétrante”, che [...] unisce l’”homme du monde” alla “complexa verità”.
xvii

Para Baudelaire, a poesia não funciona somente no nível material, que lhe é uma característica própria, mas funciona sobretudo como sentimento que age sobre o leitor, induzindo uma espécie de comunicação, e, em última instância, determinando o seu “gosto” literário. E a incansável paixão e dedicação do poeta pela tradução, estudo e análise das obras de Poe assim o demonstram. De modo que a crítica “amusante” do poeta, seja no âmbito da literatura seja no âmbito da tradução, caminha nessa direção, enfatizando a necessidade da existência de algum grau de afinidade artística ou espiritual, da parte do tradutor, com o autor traduzido, e do qual essas linhas são apenas um vislumbre acerca de uma “poética da tradução” em Baudelaire.

O gosto pela obra do poeta, juntamente com a inspiração, representam fatores importantes que, na maior parte dos casos, estão ausentes dos modelos e teorias que tratam da tradução de textos poéticos. E é este o ponto em questão: quem sabe essa profunda mistura sentimental, ou aquela “incroyable sympathie” de Baudelaire, seja o que de fato motiva os tradutores a se ocuparem, por longos períodos, com textos ditos *intraduzíveis*. Pois, como diria Baudelaire, “qu'est-ce qu'un poète (je prends le mot dans son acception la plus large), si ce n'est un traducteur, un déchiffreur?”^{xviii}.

NOTAS

-
- ⁱ Para o estudo do epistolário entre Baudelaire e sua mãe, e também da figura de Baudelaire como crítico, ver o capítulo “Poe and de Maistre”, in GILMAN, Margaret. *Baudelaire the critic*. New York: Octagon Books, 1971, 185-226.
- ⁱⁱ MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 1º vol. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1973, 35.
- ⁱⁱⁱ WILSON, Edmund. *O castelo de Axel*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- ^{iv} BAUDELAIRE. “Edgar Poe, sa vie et ses oeuvres”. *Œuvres Complètes*. Paris: Éditions du Seuil, 1968, 338.
- ^v O processo de análise é apresentando no capítulo “Esquisse d’un méthode”, em: BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995, 64-83.
- ^{vi} BAUDELAIRE, in “Notes nouvelles sur Edgar Poe”, *op. cit.* 350.
- ^{vii} *Idem*, in “Notes sur des œuvres de Poe”, *op. cit.*, 354.
- ^{viii} Refiro-me ao texto *The philosophy of composition*, de Poe, publicado originalmente no *Graham’s Magazine*, em abril de 1846.
- ^{ix} Refiro-me aos ensaios *Salon de 1846* e *Salon de 1855*, que constituem os principais documentos para a compreensão de uma “teoria poética” baudelaireana cujo fundamento último é o sistema das correspondências.
- ^x VERONESI, M. *Artifex additus artificii. Creazione poetica e riflessione critica tra simbolismo ed estetismo*. Tesi di laurea in letteratura moderna e contemporanea. Università di Bologna, 1998, 239. Documento PDF.
- ^{xi} As duas respectivas passagens se acham no ensaio *Salon de 1846*, in BAUDELAIRE, *op. cit.*, 229.
- ^{xii} ERLICH, V. *Russin Formalism*. Paris: Mouton, 1969.
- ^{xiii} ELIOT, T.S. *L’uso della poesia e l’uso della critica e altri saggi*. Milano: Bompiani, 1964, 234.
- ^{xiv} ELIOT, T.S. *Il bosco sacro*. Milano: Muggiani, 1946, 80.
- ^{xv} Anos mais tarde, as formulações baudelaireanas de poesia e crítica incidem na idéia do “poème critique” de Mallarmé, que deixa explícita, do mesmo modo, o valor do ato crítico que deve, segundo o poeta das divagações, “mobiliser, autour d’une idée, les lueurs diverses de l’esprit, à distance voulue, par phrases” (MALLARMÉ, “Bibliographie”. *Divagations*. Paris: Charpentier, 1953, 367 et seq.). Para Mallarmé, a pena que analisa deve ser precisa ao descrever “os reflexos” do espírito, constituindo-se como uma voz contínua da idéia originária inscrita no poema.
- ^{xvi} Cumpre notar que a concessão da “poesia pela poesia” nasce a partir de uma idéia romântica ainda presente no pensamento de Baudelaire e Mallarmé, e é desenvolvida justamente pela idéia de que a Natureza e a Realidade, que são elementos essenciais do poema, representam as expressões e manifestações supremas do Infinito e do Absoluto, fazendo com que o poeta, alquimista do verbo, venha a ser voz e palavra desse máximo Absoluto.
- ^{xvii} VERONESI, *op.cit.*, 49.
- ^{xviii} BAUDELAIRE, in “Réflexions sur quelques-uns de mes contemporains”, *op.cit.*, 325.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres Complètes*. Paris: Éditions du Seuil, 1968.

BERMAN, Antoine. “Esquisse d’un méthode”. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995, 64-83.

ELIOT, T.S. *L’uso della poesia e l’uso della critica e altri saggi*. Milano: Bompiani, 1964.
_____. *Il bosco sacro*. Milano: Muggiani, 1946.

ERLICH, V. *Russin Formalism*. Paris: Mouton, 1969.

GILMAN, Margaret. “Poe and de Maistre”. *Baudelaire the critic*. New York: Octagon Books, 1971, 185-226.

LENTZ, Gleiton. “Horizontes da tradução: o projeto de tradução na analítica bermaniana”. *Scientia Traductiones*, nº 5, dez 2007.

VERONESI, M. *Artifex additus artificii. Creazione poetica e riflessione critica tra simbolismo ed estetismo*. Tesi di laurea in letteratura moderna e contemporanea. Università di Bologna, 1998. Documento PDF.

MALLARMÉ, “Bibliographie”. *Divagations*. Paris: Charpentier, 1953.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 1º vol. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1973.

WILSON, Edmund. *O castelo de Axel*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cia das Letras, 2004.